

CERIVALDO PEREIRA FILHO

DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA: O SURGIMENTO DO FASCISMO EM SERGIPE E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NO BRASIL ATUAL

Epígrafe

“Ciência dos homens”, é preciso acrescentar: dos “homens no tempo”. O historiador não apenas pensa “humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. Decerto, dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo. Entretanto, para muitas dentre elas, que, por convenção, o desintegram em fragmentos artificialmente homogêneos, ele representa apenas uma medida. Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade. (MARC BLOCH)

Aracaju
Outubro de 2021

CERIVALDO PEREIRA FILHO

DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA: O SURGIMENTO DO FASCISMO EM SERGIPE E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NO BRASIL ATUAL

Resumo

Este trabalho visa à análise entre algumas obras que tratam do tema em questão: O surgimento Fascismo em Sergipe, estarão sendo confrontados alguns autores/pesquisadores como Santana, Sotero, Maynard, Dantas, Pereira, que tiveram sua fonte de pesquisa neste marco espaço/temporal em que se dera o surgimento do Partido Integralista em terras sergipanas (primeiras três décadas do século XX), e, Reis, para situar Sergipe contextualizando-o com o que estava acontecendo no Brasil. Discorrendo também sobre o modus operandi dessas primeiras agremiações partidárias, os seus embates políticos, suas disputas ideológicas, os jornais que as mesmas usavam para disseminar seus ideais e conseguir persuadir os respectivos leitores para atrair prosélitos para as mesmas. Pois, é nesse contexto de intensa ebulição revolucionária que surgirá o PCB, em 1922, atraindo para si as correntes de matizes ideológicas de esquerda, assim como parte do proletariado das fábricas brasileiras e organizar-se-ão nos primeiros sindicatos, influenciados pela Revolução Russa de 1917 e, o seu líder, nesse contexto Stalin; teremos também além dos Integralistas, bastante influenciados pelo

fascismo italiano de Mussolini, setores da Igreja católica que seguirão fielmente a AIB e, outros, que adotarão também essa linha de extrema direita, mas, que, necessariamente, não filiar-se-ão a AIB, e, formarão correntes de pensamento conservadores, como o “Jaquismo”, por exemplo, e disseminarão através de seu jornal “A Cruzada” da Diocese, os seus ideais moralistas e conservadores, e, também perseguirão os comunistas em sua disseminação proselitista muito aliada ao fascismo à brasileira, ou seja: ao integralismo. Mostraremos também, como os sergipanos reagiram aos ataques dos navios na Costa Brasileira entre Sergipe e Bahia em 1942, forçando Getúlio Vargas declarar Guerra ao Eixo, e, como os sergipanos, revoltados com os integralistas e imigrantes de países como a Itália e Alemanha foram literalmente caçados e muitos presos como informantes do Regime Fascista. E, faz a ponte com algumas reportagens de sites bem-conceituados como o Extraclasse e o Jornalistas Livres, para mostrar o reaparecimento dessa ideologia aqui no Brasil e, em Sergipe, conseqüentemente, mesmo após tantos anos, aparentemente extinto, desde 1954, com o suicídio de Vargas, ele volta agora com toda força nas eleições de 2018 e elege o presidente Jair Bolsonaro. O objetivo central deste é pesquisar o surgimento do fascismo em Sergipe, através do Integralismo, sua aparente extinção e o seu ressurgimento nas eleições de 2018 com alguns partidos de extrema direita e outros que se dizem evangélicos também nessa mesma linha; o que irá diferir do Fascismo dos anos 30, porque era os católicos que os apoiava. Os métodos de procedimento usados são históricos, comparativo e estruturalista, com abordagens dialética, hipotético-dedutivo e indiciário.

Aracaju

Outubro de 2021

Introdução:

A vitória da “revolução” abriu uma conjuntura instável. O governo provisório, chefiado por Getúlio Vargas, era confrontado internamente com os imensos desafios provocados pela grande crise internacional. Internamente, era preciso equilibrar os interesses do arco heterogêneo e contraditório que sustentava a “revolução”. Em algumas áreas, como nas políticas a respeito do café, não se evidenciava o quê de “revolucionário” tinha naquele governo. Havia muitas demandas a satisfazer – e a contrariar. De um lado, dera-se início à edição de uma legislação social que parecia atender às demandas históricas dos movimentos de trabalhadores. Fora criado um Ministério do Trabalho e, em março de 1931, os sindicatos eram reconhecidos e institucionalizados, mas sob o controle estrito das autoridades. Era o triunfo dos sindicalistas “estatistas”, chamados de “amarelos” pelos comunistas e anarquistas. Ao mesmo tempo, para quem se opusesse, e para as manifestações públicas não autorizadas, medidas repressivas que faziam lembrar os sinistros tempos de Bernardes. Prisões, deportações e espancamentos eram constantemente denunciados. Em janeiro, uma “Marcha da Fome”, incentivada pelo pc, fora violentamente dispersada. A tradicional manifestação do Primeiro de Maio também foi reprimida a patas de cavalo. Recomeçaram as deportações, casos emblemáticos, assustadores presságios, evidenciando linhas de continuidade entre a “revolução” vitoriosa e a “República Velha”. (REIS, 2014)

Recordemos que as lideranças tenentistas assumiram o governo declarando a aversão à política partidária e aos políticos tradicionais. Mas, como estavam preocupadas em fortalecer-se, foram criando alguns órgãos com o objetivo de aglutinar os grupos identificados com a Revolução. Em Sergipe, Maynard Gomes, professando superioridade sobre a política partidária que, no seu juízo, teria

desaparecido em Sergipe, estimulou ao máximo a formação da Legião de Outubro no Estado (Cf. Diário Oficial, 30/04/1931), assinou manifestos, promoveu encontros, conclamou a adesão de todas as classes sociais e, realmente, numerosas figuras representativas de vários segmentos do Estado inscreveram-se na referida Entidade que não foi além dessa formalização do respaldo político ao governo.

Mais tarde, ou seja, em junho de 1932, a Legião foi transformada em Clube 3 de outubro, apesar das hesitações do interventor (Cf. Diário Oficial 25/05/1932). Criado como órgão nacional, em fevereiro de 1931, o Clube 03 de Outubro, objetivava agregar e selecionar lideranças simpatizantes do governo e influir no projeto político transformador, pela via autoritária, com algumas tendências socializantes. Dentro desse espírito atuaria como centro de pressão, organizado no sentido de contrabalançar as investidas dos grupos conservadores sobre o governo federal. E, realmente, até quando perdurou o regime de exceção, os tenentes organizados em torno do clube organizaram encontros nacionais, traçaram diretrizes e influíram de forma patente nas orientações da política nacional. Enquanto isso, os grupos políticos que exerceram grande influência na Primeira República, foram alimentando insatisfações com a gestão da interventoria, explicitando descontentamentos e tentando organizar-se (DANTAS, p. 81).

Na esfera nacional, o debate principal girava em torno da conveniência ou não da constitucionalização do país. Os tenentes se posicionaram contra, alegando que as eleições trariam de volta as oligarquias. Mas, depois, da Revolta promovida pelos paulistas, em 1932, o presidente Vargas se comprometeu a convocar a Constituinte. As eleições foram marcadas para maio de 1933 e, dois meses antes, os grupos políticos criaram seus partidos com o fim de concorrerem ao pleito.

O primeiro a ser fundado foi a União Republicana de Sergipe, representante do grupo dos usineiros, o setor mais descontente com a nova ordem. A solene

fundação realizou-se na Usina Pedras, do afortunado Gonçalo Rolemberg do Prado, mais conhecido por Gonçalo das Pedras, e contou com a presença de usineiros, figuras do patronato rural e também alguns intelectuais vinculados à classe dominante.

A segunda agremiação criada foi o Partido Social Progressista, que tinha no ex-presidente do Estado, Graccho Cardoso, sua maior expressão. Agregava também seguidores do ex-presidente Pereira Lobo e membros da ex-Aliança Liberal, que não se integraram no governo de Maynard, nem estavam afinados com a orientação dos usineiros. Quanto ao grupo de apoio à interventoria, envolvendo aí forte contingente das classes subalternas urbanas e parcelas significativas do patronato rural, organizou-se através da legenda Liberdade e Civismo, que tenderia a polarizar com União Republicana de Sergipe.

Graccho Cardoso, mesmo filiado às oligarquias, era uma personalidade esclarecida, jurista, ligado à luta pela introdução das leis trabalhistas no Brasil e de um espírito empreendedor. Sergipano de Estância, filho do eminente professor Brício Cardoso, teve sua carreira política iniciada no Estado do Ceará, devido a sua ligação familiar com a oligarquia dos “Accioly”. Com a vitória de Graccho Cardoso, a oligarquia Valadão-Lobo prosseguia controlando o Estado, embora aceitando em seu seio algumas figuras com maior abertura política. Entretanto, diferentemente da regra geral dos governantes de Sergipe, durante a Primeira República, Graccho enfrentou tanto a oposição duríssima dos tenentes, liderados por Augusto Maynard (Revolta tenentista 13 de julho de 1924), como se não bastasse, nos últimos dois anos de governo ocorreu um racha em seu próprio partido, passando a sofrer também, a oposição da fração dissidente, liderada pelo seu antigo padrinho político, Pereira Lobo. (SANTANA, 2005, P. 191)

Durante a curtíssima campanha eleitoral a Igreja Católica também atuou através da Liga Eleitoral Católica (LEC), entidade criada em 1932, tendo como objetivos principais alistar, organizar e instruir o eleitorado católico. Sua principal peculiaridade, no entanto, era o caráter suprapartidário. Agindo como grupo de pressão, sem se atrelar diretamente a nenhum partido, a LEC procedia como força aconselhadora, selecionando os candidatos mais identificados com o seu ideário.

Decorrido o pleito para a escolha dos quatro nomes para representar o Estado de Sergipe na Constituinte, três candidatos foram eleitos pela legenda Liberdade e Civismo e apenas um pela União Republicana de Sergipe. O Partido Social Progressista não elegeu ninguém. A vitória do grupo situacionista pode ser explicada, de um lado, pela composição do governo estadual com os governos municipais; de outro, merece menção do apoio de Leandro Maynard Maciel, secretário de obras do ex-presidente Manoel Dantas, que vinha restabelecendo suas bases formadas antes de 1930. Além desses dois fatores, deve também ter contribuído para a vitória de três dos quatro candidatos situacionista a popularidade que a interventoria gozava, sobretudo nos meios urbanos. O resultado foi um revés significativo para os conservadores de Sergipe. (Idem, p. 82)

Os constituintes federais confirmaram as tendências dominantes, legando ao país uma Carta de teor nacionalista e intervencionista. Trazia também, várias outras inovações significativas e o direito do voto a todos os maiores de 18 anos, independente do sexo, facultando assim, o sufrágio à mulher. Estabelecia o mandato do Chefe do Executivo até 1938, quando deveria haver eleição direta para presidente. Levantou suspeições, no entanto, a inclusão de artigos referentes à Segurança Nacional.

Enquanto os parlamentares elaboravam uma nova Constituição, os políticos em Sergipe preparavam-se para o próximo embate eleitoral, a realizar-se ainda em

1934, quando seria eleita a bancada de deputados estaduais, que haveria de escolher dois senadores e o governador; revelando-se assim, um momento dos mais importantes na definição do quadro dominante internamente. O período que medeia o primeiro pleito (1933) do outro (1934) seria marcado pela polarização crescente entre as duas principais forças políticas estaduais: o grupo situacionista, organizado em torno da interventoria e os conservadores aglutinados na União Republicana de Sergipe (URS). Durante esse período, foram criadas mais quatro agremiações, o que mostra a intensidade da rearticulação política em curso.

A primeira foi o Partido Social Democrático Brasileiro (PSD), sob influência predominante do conhecido líder político Leandro Maynard Maciel, que antes havia se filiado à interventoria, mas andava insatisfeito. Pouco depois, as principais lideranças políticas que apoiavam o interventor fundaram o Partido Republicano de Sergipe, quando se pregou o “fortalecimento da ação do Estado como mediadora dos interesses coletivos”: a defesa dos direitos dos trabalhadores, proteção à infância, assistência sanitária às populações pobres. (Programa e Estatuto do Partido Republicano de Sergipe, Aracaju, Imprensa Oficial, 1934. Op. Cit p. 83)

Com a reestruturação desse partido, sucedâneo da legenda “Liberdade e Civismo”, o grupo situacionista partiria para a campanha atraindo outros setores, visando enfrentar os conservadores. Estes, por sua vez, buscavam também ampliar seu raio de ação envolvendo, inclusive, os integralistas, que se organizavam em Sergipe. Se em fins dos anos 20, já se tentava divulgar as ideias Fascistas no Brasil, foi nos anos 30 que se propagou o movimento **integralista**. Sob a liderança do escritor paulista **Plínio Salgado**. Numa conjuntura de prestígio ascensional das ideias autoritárias, o Integralismo aparecia com o lema “Deus, Pátria, Família”, dentro de uma concepção patriarcal da sociedade, e atuaria como movimento

político capaz de galvanizar ponderáveis setores da classe média e da classe dominante, de alguma forma assustados com a expansão das ideias socialistas. Daí a aceitação ou simpatia encontrada entre leigos ou religiosos que professavam a religião católica. Como uma reprodução cabocla do fascismo europeu, o Integralismo, criado formalmente com o lançamento do seu manifesto, em outubro de 1932, difundiu-se rápido em todo o país. Em 1933, alguns dos seus líderes fizeram peregrinações pelas capitais dos Estados, inclusive no Norte e no Nordeste.

Em Sergipe, em inícios de dezembro de 1933, Gustavo Barroso, Miguel Reale e Mário Brasil proferiram palestras no teatro Rio Branco, na Associação Sergipana de Imprensa e na Associação dos empregados do Comércio, com grande receptividade entre a intelectualidade de Aracaju. Fundou-se, então, um núcleo de integralistas em Sergipe, do qual em sessão pública, intelectuais como Omer Mont' Alegre, Agnaldo Celestino e José Calazans apareciam como simpatizantes de primeira hora. Durante o ano de 1934, o movimento propagou-se em Sergipe, estendendo-se para o interior. Foi criado o semanário O Sigma, dedicado à propagação do movimento dando impulso ao seu credo, dentro do sistema hierarquizado da organização. (Sergipe Jornal, 04/06.12.1933 e 03/01/1934; apud. DANTAS, P. 84)

O crescimento do movimento integralista em Sergipe atingiu seu apogeu com a vinda de Plínio Salgado a Aracaju, em 13 de janeiro de 1935. A estada de três dias em Sergipe do líder máximo dos Camisas Verdes foi movimentada: palestra no Cine-Teatro Rio Branco; passeatas e reuniões; e visitas às cidades de Propriá, Rosário do Catete e Laranjeiras.

A AIB, em Sergipe, participou das eleições de 14 de outubro de 1934, para a formação da Assembleia Nacional Constituinte, e das eleições de 1935. Diante da expansão integralista em Sergipe, as ações dos militantes foram intensificadas.

Participaram ativamente da campanha solidária desencadeada por uma inundação ocorrida em Aracaju, em maio de 1935. Foi instalado posto médico no Edifício Macedo para atendimento às vítimas da chuva. O Núcleo Provincial colocou a milícia para fazer patrulhamento noturno nas ruas do Centro de Aracaju, armada de cassetete. Essa iniciativa gerou severas críticas de vários segmentos da sociedade, especialmente, dos comunistas. (SOTERO, 2018, p.89)

Em novembro de 1933, Gustavo Barroso e Miguel Reale chegaram a Aracaju para a instala o do Núcleo Provincial Integralista de Sergipe. Em 30 de dezembro daquele ano, sob a presidência de Nicola Mandarino, industrial italiano radicado no Brasil, o Núcleo realizou a primeira sessão pública. Na ocasião, foram aclamados, Agnaldo Alves Celestino, tenente da polícia e amigo pessoal de Gustavo Barroso, chefe, Valdemar Neto, tesoureiro e Omer Mont 'Alegre, secretário. (Op. Cit; p. 88)

Outra agremia o organizada nesse tempo foi a dos trabalhadores urbanos, denominada Aliança Proletária de Sergipe (APS), criada em março de 1934, com programa em certa medida inspirado no ideário socialista. Com várias tendências político-ideológicas da sociedade sergipana organizadas em partidos, a campanha refletiu os interesses e as paixões dos diversos grupos sociais, num nível de participa o inédito na História de Sergipe, no qual as diversas correntes políticas puderam, com entusiasmos e, muitas vezes, com excessos, atacar seus adversários e divulgar suas promessas. Apesar dos seis partidos existentes terem apresentado chapa própria, a campanha se desenvolveu dividida em dois grandes blocos: o situacionista e o grupo dos usineiros.

Entre as alianças ocorridas, a mais surpreendente foi a do PSD com a URS, pelas históricas incompatibilidades, inclusive familiares, que permeavam os dois

grupos. Quanto ao Partido Social Progressista de Graccho Cardoso, que havia corrido em faixa própria em 1933; ligava-se à interventoria, assim como à Aliança Proletária de Sergipe. Os dois blocos, ficaram assim constituídos: de um lado, a URS, o PSD e a Ação Integralista, com alguma simpatia de setores da igreja. Do outro lado, figuravam PRS, o PSP e a APS. Em termos ideológicos, apesar da heterogeneidade do bloco que apoiava a chapa oficial, não deixava de diferenciar-se do outro grupo, de perfil completamente conservador. A primeira coalizão lançava como candidato a governador, a ser eleito pela Constituinte, o capitão e médico Eronides Ferreira de Carvalho. Do outro lado, concorria o capitão Augusto Maynard Gomes, que pretendia continuar no executivo como governador eleito pela Assembleia Constituinte.

À medida que se aproximava o pleito, o clima de campanha tornava-se tenso e marcado por conflitos os mais diversos: lutas corporais, tiroteios, arbitrariedades e violências várias. O interventor afastou-se do governo, visando demonstrar distanciamento das ocorrências, mas os conservadores, não conformados, lutaram pela intervenção federal e conseguiram-na. (SANTOS; O Integralismo em Sergipe, 1996)

O resultado evidenciou a vitória dos conservadores que elegeram três dos quatro deputados da bancada federal (foram eleitos Armando Fontes, Barreto Filho e Mesquisedeck Monte pela URS e, apenas Donato Maria pelo PRS), e, dezesseis dos trinta membros da bancada para a Assembleia Constituinte do Estado. A vitória na Assembleia Estadual, não obstante a exígua maioria, teria maiores consequências. Diante do insucesso, o interventor relutou em entregar o governo a quem denominava de reacionário, passando a articular a resistência, envolvendo seus grupos de apoio. Travou-se então, uma movimentada guerra de bastidores,

inclusive na área do governo central. Mas, os conservadores não se deixaram envolver; sem respaldo legal e sem apoio externo significativo, Maynard terminou renunciando, em 27/03/1935, para não transmitir o cargo para os adversários. (SANTOS apud. FIGUEIREDO, p. 85)

Instalada a Assembleia Constituinte Estadual em 1º.04.1935, no dia seguinte foram realizadas as eleições para governador e senador. Com maioria, a coalizão URS+PSD elegeu todos os seus candidatos, ou seja, Eronides Ferreira de Carvalho para governador e um senador de cada um dos partidos: Augusto César Leite pela URS e Leandro Maynard Maciel pelo PSD. (MAYNARD 2009, p. 55)

QUEM ERA ERONIDES DE CARVALHO?

A ascensão do capitão Eronides Ferreira de Carvalho, ao governo de Sergipe, eleito pela Assembleia Legislativa em 02.04.1935, significou o triunfo de uma orientação conservadora em reação às políticas operadas pela interventoria de Maynard. Num momento em que o governo federal parecia interessado em golpear os esquerdistas, a sua vitória tornou-se bastante conveniente para Vargas.

Proveniente de família de proprietário rural de Canhoba-SE, Eronides de Carvalho nasceu em 1855, graduou-se em medicina em 1917 e, retornou a Sergipe, onde ocuparia vários cargos públicos. Crítico do Movimento Tenentista, permaneceu fiel às forças legalistas durante as revoltas de 1924 e 1926 e por toda década de vinte. No entanto, quando a Revolução de 1930 eclodiu, tornou-se o primeiro dos governantes provisórios. Durante a interventoria de Maynard (1930-1935), permaneceu prestando serviços profissionais no 28º BC, ao mesmo tempo em que

manifestava sua discordância com a orientação política vigente, aglutinando os descontentes e impondo-se com alternativa viável em termos de liderança. Com sua posição privilegiada de membro do Exército, num momento de prestígio dos militares, aproximou-se do grupo dos usineiros e participou ativamente da formação da União Republicana de Sergipe. Uma vez empossado como governador tratou de desarticular o grupo maynardista e anular muitos dos seus feitos. No interior, ao tempo que eram exonerados prefeitos, membros dos Conselhos Consultivos, integrantes de comissões de ensino, delegados, subdelegados e adjuntos de promotoria, eram logo divulgados seus substitutos de conformidade com os termos do acordo prévio firmado entre os dois grupos. Simultaneamente, foi abolindo regulamentos, anulando decretos, suprimindo cargos e exonerando servidores. Entretanto, cedo às divergências dentro da aliança partidária governista emergiram. Os pessedistas alegaram que o governador não estava honrando os acertos e cerca de três meses depois houve a cisão, fortalecendo consideravelmente os opositores. Os situacionistas ainda conseguiram cooptar alguns deputados, mas a atuação dos divergentes cresceu e passou a desgastar o governo nos planos nacional e local. (DANTAS, 2004, pp. 85-86)

Os esquerdistas intensificaram sua mobilização criando entidades. Após a formação da União feminina do Brasil e a Frente Única Antifascista e Antiguerreira de Sergipe foi fundada a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Não obstante, uma certa receptividade entre alguns segmentos urbanos, segundo estudioso do tema (Cf. Juarez Ferreira de Oliveira; Pão, Terra e Liberdade; Ufs. 2009), teria duração legal de uma semana, em face da extinção do órgão a nível nacional. Os direitistas, por sua vez, ampliavam seus núcleos integralistas, muitas vezes com o apoio velado ou explícito da Igreja Católica que passou a atuar de forma mais vigorosa. Criou a sucursal da Ação Católica Brasileira, em 1935, que atingia os grupos médios e superiores, bem como o Círculo Operário Sergipano, que atuava entre os t

rabalhadores urbanos. Sintonizando com esses órgãos havia o Jornal A Cruzada, dando cobertura e ajudando as iniciativas proselitistas. (Op. Cit.; p.99)

Com essas pluralidades de entidades disputando espaços ideológicos, as lutas políticas, que já haviam sido bastante renhidas no pleito de 1934, se exacerbaram. A polarização foi evoluindo para agressividades mútuas, enquanto o governo federal ia aumentando seu aparato repressivo, fazendo vista grossa diante das ações dos integralistas e investindo contra os esquerdistas. Em abril de 1935 foi aprovada a Lei de Segurança Nacional e, em junho do mesmo ano, Vargas mandava fechar todos os núcleos da Aliança Nacional Libertadora (ANL), o que foi feito no mês seguinte ("o pretexto para a promulgação da lei é o extremismo, porém, a medida não se dirige contra a Ação Integralista Brasileira e sim contra o movimento operário". (Edgard Carone, apud. Dantas; Op. Cit)

Pouco depois vinha a ordem para impedir o funcionamento da *União Feminina do Brasil* pelo período de seis meses, considerando que vinha desenvolvendo "*atividade subversiva da ordem política e social*". Da mesma forma era reprimida a *Frente Única e Antfascista e Antiguerreira de Sergipe*.

Quando os opositoristas fustigavam o governador Eronides de Carvalho, com base insuficiente para proporcionar-lhe segurança no parlamento, os comunistas levantaram-se em novembro de 1935, em Natal, Recife e Rio de Janeiro. O movimento ficou conhecido como Intentona Comunista, levou o governo nacional e o estadual a intensificarem a repressão. Em Sergipe, dezenas de pessoas foram presas e algumas bastante maltratadas. Enquanto isso, o interventor mantinha relações amistosas com Virgulino Ferreira, dificultava a repressão ao seu grupo de cangaceiros e fornecia-lhe munição. Não foi por acaso que passou a ser considerado "como o mais importante aliado e protetor de Lampião". Como efeito da repressão, o

movimento dos trabalhadores urbanos, que vinha crescendo e já contando inclusive com um deputado classista na Assembleia Legislativa, onde tinha atuação bastante participativa, passou a ser desarticulado. A partir de 1936 ainda procurou recompor-se, elegendo vereadores, promovendo encontros no Centro Operário, editando jornal, mas seus membros eram rechaçados. (BARROS; 1998; p. 158)

O ambiente intelectual afluía sensivelmente com o debate de ideias em voga a níveis nacional e internacional, e, aqui se fizeram presentes através de jornais que esboçavam tais “pregações doutrinárias”. Em 1896, o líder obreirista, João Ferro, através do seu jornal O Operário, desenvolveu trabalho proselitista, pregando um socialismo até certo ponto compatível com a democracia. Mas, pouco tempo depois, foi para Alagoas e posteriormente para Recife. Em 1911/12 e 1916, nas folhas de O Operário alguns de seus redatores voltaram a demonstrar simpatias pelas ideias socialistas. Mas eram publicações esporádicas. Foi a partir da Revolução Russa (1917), que as pregações passaram a sensibilizar mais os intelectuais. Entre os mais empolgados destacou-se Florentino Menezes, que esteve a discutir publicamente a nova corrente de pensamento, e lutou pela criação do Centro Operário Sergipano (1918). (Op. Cit. P. 71)

Este Centro provocou palestras, polêmicas pelos jornais, envolvendo intelectuais vinculados à imprensa dos trabalhadores urbanos e membros da Igreja Católica que se manifestavam contrários à nova doutrina. Tal movimento tenderia a acentuar-se com as matérias do “Jornal Voz do Operário” na década de 1920. Onde já era nítida a influência da vertente Leninista.

Com a ascensão de Stalin em 1924, o movimento socialista foi se afirmando como uma proposta de tendência totalitária (“Pois, os expurgos foram uma constante, a necessidade de auto-afirmação do Regime para consolidar o poder e

não o ver esvair-se, fazia com que a fase da ditadura do proletariado proposta por Marx, fosse perpetuada. Ademais, a Rússia daquele então era muito atrasada, basicamente agrária, pouco desenvolvida tecnologicamente e industrialmente, e, Stalin sentia a necessidade que a revolução vingasse, não esmorecesse, se legitimasse e alcançasse seus objetivos”. Aspas minha), nesse momento, os socialistas encontravam pequeno espaço na imprensa de Sergipe, mas nem por isso aquele ideário deixava de fascinar os grupos que defendiam uma ordem mais igualitária.

Antes, porém, que os materialismos dialéticos e históricos fossem bem difundidos, a crença mais comum era a do Cientificismo, afirmando a superioridade da ciência sobre todas as outras formas de compreensão humana da realidade (religião, filosofia, metafísica etc.). Dentro dessa corrente, predominavam evolucionistas de várias conotações, inclusive os monistas, adeptos do pensamento de Ernesto Haeckel (1834-1919), um filósofo alemão que difundiu a ideia da ciência natural. Seus defensores encontraram pela frente os católicos, sobretudo os padres, entre os quais Solano Dantas Menezes que, professando o espiritualismo cristão em sua vertente tradicional, travou polêmicas pela imprensa no período de 1909 e 1919, condenando os cientificistas, incluindo os socialistas, a maçonaria, os protestantes e os espíritas. (DANTAS,2004, p. 70)

Lembremos o contexto geral: o mundo saindo da 1ª Guerra Mundial (1914/18), as economias, em consequência disto em frangalhos; as ideias autoritárias passam a encontrar terreno fértil para germinar devido a derrocada do liberalismo e o momentâneo fracasso da democracia em gerir a coisa pública, a promover igualdade social, oportunidades de ascensão social, o desemprego, o fortalecimento das oligarquias, em nosso caso (Brasil), o Coronelismo passa a ser mais excludente e devastador que a própria recém extinta monarquia (1889), os negros e

afrodescendentes recém libertados totalmente marginalizados sem poderem inserirem-se no mercado de trabalho, haja vista o preconceito e conservadorismo daquela sociedade escravocrata, e, em contra partida, em um país onde ainda estava iniciando sua industrialização, faltava mão de obra para trabalhar nas lavouras; pois, naquele então, o serviço braçal era inerente ao escravo; pois, um cristão não poderia prestar tal labuta, e, ao mesmo tempo, poucos confiavam em contratar um ex-escravo para o trabalho assalariado; um paradoxismo deletério que corroeu os alicerces de nossas relações sociais naquele início de século XX, a Gripe Espanhola que se alastrara numa pandemia até então desconhecida, e, que matava ferozmente por todo o mundo;

A essa altura, quando a Europa começava a recuperar-se da catástrofe da 1ª Primeira Guerra, as ideias autoritárias passaram a encontrar ressonância, em detrimento do liberalismo e da democracia. No Brasil, a derrota das campanhas civilistas e o engessamento do sistema político com o predomínio das oligarquias, associadas com o coronelismo, contribuíram para o crescimento de uma vertente de ideólogos que propunha uma reforma do Estado, com parâmetros autoritários. (Op. Cit., p. 72)

Na linha do pensamento de Alberto Torres (1865/1917). Retomando essa tendência, prosperou a reação dos católicos liderada por Jackson de Figueiredo (1891/1928). Nascido em Aracaju, estudou em Salvador e Alagoas e em 1914 estabeleceu-se no Rio de Janeiro. Depois de uma fase de agnóstico e leitor de Nietzsche (1844/1900), converteu-se ao cristianismo e passou a desenvolver o seu apostolado com grande determinação e destemor, polemizando, desafiando os adversários com agressividade e paixão.

Investia contra o socialismo e o individualismo liberal, pregava o renascimento do catolicismo através dos princípios da autoridade, da ordem, da tradição e do moralismo. Agitou o mundo das ideias com sua ação proselitista na imprensa e nas instituições que ajudou a criar, como a revista *A Ordem* (1921) e o *Centro D. Vital* (1922). Não obstante, seu estilo arrebatado e suas pregações reacionárias, como qualificou-as seu discípulo maior Alceu Amoroso Lima, a força do seu entusiasmo e de sua fé contagiantes ganharam repercussões enormes. (Idem)

Em Sergipe, onde a presença do bispo D. José Thomaz, com seu seminário e suas ações pastorais, já vinha conquistando seguidores no meio intelectual, em 1918 começou a ser publicado A Cruzada. Sob orientação da Igreja Católica, o jornal passou a difundir de forma mais sistemática seus princípios e suas visualizações sobre as questões conjunturais. Os religiosos, que dantes tratavam suas polêmicas pela imprensa alheia, passavam a dispor de órgão próprio. Anos depois, na esteira da influência de Jackson de Figueiredo, um grupo de parentes e amigos de Aracaju, criou, em outubro de 1928, a Revista de Sergipe, sob o influxo das ideias “Jaquistas”.

O fato é que o triunfo do Fascismo na Itália (1922) e a ascensão de Stalin na União Soviética (1924), estimulavam e inspiravam as tendências autoritárias. A Revista de Sergipe tinha como lema: **Deus, Pátria e Família**, justamente o que o Integralismo adotara alguns anos depois. Planejada para sair quinzenalmente, com a contribuição de escritores locais e de fora, entre os quais o próprio Jackson. Quando o segundo número estava prestes a sair, faleceu afogado, no Rio de Janeiro, o líder católico, provocando grande comoção. A Revista de Sergipe continuou por algum tempo. Esteve a divulgar seu pensamento e seus feitos e, em 20 de abril de 1929, foi editado o último número. (DANTAS, 2004, p. 73)

O Estado corporativo ou o “estatismo orgânico” é a idéia política central do fascismo, que promove uma organização social integrada para superar as divisões de classe, pensando, assim, resolver o antagonismo entre Estado e sociedade por meio da estatização dos seus mais diversos setores. Ao se aproximar do Estado, portanto, o Partido Fascista, “um partido acima dos partidos”, se apressou a fazer do “povo uma parte do Estado”, ainda que Mussolini tentasse não instaurar integralmente um regime totalitário.

Temos na Itália o regime fascista, temos como ‘chefe’ do fascismo B. Mussolini, temos uma ideologia na qual o ‘chefe’ é divinizado, é declarado infalível, é preconizado organizador e inspirador dum ressuscitado Sacro Império Romano. Vemos impressos, todo dia, dezenas e centenas de telegramas de homenagem das vastas tribos locais ao chefe. Vemos as fotografias: a máscara mais endurecida de um rosto que já vimos nos comícios socialistas: conhecemos aquele rodear de olhos nas órbitas que no passado deviam, com sua ferocidade mecânica, provocar os vermes da burguesia e hoje no proletariado. Conhecemos aquele punho sempre fechado para a ameaça. (SEMERARO, 1999, p. 34; apud. Pereira 2012)

As análises de Gramsci já no período anterior à prisão, caracterizam o fascismo como solução italiana à crise do Estado liberal no pós-guerra. O velho bloco de agrários e industriais conseguia, com uma fórmula política inédita, reconstruir sua dominação ameaçada pelos levantes operários dos anos 1919-1920. Diante da emergência incontida dos trabalhadores precisava recorrer a políticas populistas que contivessem as massas, enquanto atraía os setores mais significativos da classe média com métodos “reformistas”. “Assim, no equilíbrio instável que se formou entre a “crise orgânica” liberal e a debilidade do Partido Socialista, desponta o fascismo, inicialmente com função arbitral; logo, porém,

assumindo visíveis formas de Cezarismo” (SEMERARO, 1999, P. 135, apud. Pereira 2012).

É verdade que o governo de um só homem – o governo monárquico – que os antigos diziam ser a forma organizacional da família, transforma-se na sociedade (como hoje a conhecemos, quando o topo da ordem social já não é constituído pela casa real de um governante absoluto) em uma espécie de governo de ninguém. Mas esse ninguém, o suposto interesse único da sociedade como um todo em questões econômicas e a suposta opinião única da sociedade. Como verificamos pela forma mais social de governo, isto é, pela burocracia (a última forma de governo do estado nacional, tal como governo de um homem só em benigno despotismo constitui o primeiro estágio), o governo de ninguém não significa necessariamente a ausência de governo; pode, de fato, em certas circunstâncias vir a ser uma das mais cruéis e tirânicas versões. (ARENDR, 1997, p. 50).

Não demorou muito tempo e o regime imposto por Mussolini na Itália revelava à luz do dia a face terrível duma concepção incubada na história da política italiana: culto do chefe, centralismo de poder, manobras demagógicas, massificação da cultura, cooptação da classe média. Como todo “Cezarismo”, o fascismo comprimia a sociedade civil no Estado e reduzia os movimentos conflitivos das classes trabalhadoras dentro dos recintos vigiados do corporativismo. Esbanjando retórica sobre a grandeza da pátria e a moralização dos costumes, Mussolini conseguiu aglutinar as paixões das massas e o fanatismo de seus seguidores em torno da repulsa a tudo o que parecia responsável pela crise e debilidade nacional: incapacidade dos governantes, inconsistência das políticas liberais, movimentação das organizações operárias, ameaça do perigo comunista. Sem projeto político específico, a onda fascista foi crescendo ao explorar os sentimentos de

descontentamento geral e transformou-se em coletor de todas as correntes antidemocráticas:

“Foi anti-socialista, antibolchevique, antiparlamentar, antiliberal, antitudo”. “Seu objetivo era a “ordem”, a demonstração de força e a religião do Estado totalitário, sintetizado na famosa fórmula mussoliniana: “tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado” (SEMERARO, 1999, p. 136).

Em Sergipe, a propagação do ideário integralista foi levado a efeito pelo jornalista Omer Mont’Alegre, redator de “O Sigma” jornal de divulgação da doutrina Integralista. Mont’Alegre criou, em janeiro de 1935, o Centro de Estudos Plínio Salgado, que congregava os integralistas sergipanos. Nos centros cívicos dos colégios Atheneu Sergipense e Salesiano, as ideias integralistas passaram a ser difundidas e adotadas por muitos dos futuros intelectuais que estudavam em tais instituições de ensino.

A nova geração do integralismo em Sergipe, da qual faziam parte Manoel Cabral Machado, José Amado Nascimento, Clodoaldo Alencar, Santos Mendonça, José Calazans, que galgaram posição de status na sociedade, propagou o movimento integralista no eixo Sergipe/Bahia. Posteriores aos antigos fundadores do integralismo Omer Mont’Alegre, Agnaldo Celestino, Jacinto Figueiredo, Ávila Lima e Passos Cabral, os intelectuais dessa geração, imbuídos de uma tarefa política respaldada no positivismo e independentes do seu local de atuação, ajudaram a consolidar o núcleo integralista de Sergipe. Com exceção de Dr. Manoel Cabral Machado, Seixas Dória e José Calazans, que atuaram de forma marcante no núcleo da Bahia logo após o florescimento do movimento em Sergipe. (SANTOS, 1996, apud SOTERO 2018, p. 87)

Quanto a industrialização, a primeira fábrica de tecidos de algodão apareceu em Sergipe ainda no império, em 20/04/1884, começando a funcionar em Aracaju, a “Sergipe Industrial” e empregando, inicialmente, 170 operários. O crescimento da Sergipe Industrial foi muito grande. Em 1889 essa empresa empregava 530 operários, sendo 220 mulheres, 135 menores e 175 homens. Em 1896, foi instalada a segunda fábrica têxtil, em Estância – a “Companhia Industrial de Estância”, empregando 250 operários e funcionando com motor movido a energia hidráulica.

No início do século XX, principalmente após a década de 20, houve um expressivo crescimento da indústria têxtil sergipana. Não pela modernização e pela produtividade, mas pela faixa de mercado que ocupava (tecidos grosseiros) e pelos baixos preços da mão-de-obra e da matéria prima. Em 1915, as exportações de tecidos de algodão, em Sergipe renderam cerca de 2.840 contos de réis. Em 1925, esse valor já atingia as cifras de 11.271 contos de réis e em 1926, Sergipe exportou a soma de 11.887 contos de réis. O período de 1921 a 1925 foi também de grande prosperidade para a indústria têxtil em Sergipe. (SANTANA, 2005, p. 184)

Somando-se às duas fábricas no século XIX, entre 1906 e 1914, surgiram mais seis fábricas de tecidos em Sergipe: uma em Estância, a “Souza Sobrinho & Cia”; pertencente à casa comercial do mesmo nome; duas em Vila Nova (Neópolis); a “Peixoto Gonçalves & Cia.” uma em Propriá, ligada à casa comercial da família Brito; uma em São Cristóvão, a “Empresa Industrial São Cristóvão”, pertencente a uma sociedade comandada por ações; e, uma última, em Maruim, a “Fábrica de Fiação e Tecelagem de Algodão Sergipe Fabril”. Em 1926, tivemos o aparecimento de mais duas fábricas de tecido, completando as 10 fábricas existentes no final desse período estudado. (Op. Cit. P. 186)

Em Sergipe, como já comentamos, assim como no resto do país havia uma ebulição das “mentalidades, novos ideais que há muito já vinham fomentando na Europa, principalmente após a Revolução Industrial inglesa; e, com essas imigrações ocorridas no Brasil incentivadas pelo governo federal, com o fito de conseguir mão-de-obra para as fábricas e comércio, outros fugindo de perseguições religiosas, viam no Brasil um terreno fértil para começar novos negócios; ademais, os colonos, pois, como já dissemos ao crioulo e ao ex-escravo era difícil a participação nessas ocupações formais, seja pela falta de qualificação, seja pelo preconceito. Daí o termo utilizado era “boçal” para o escravo “aclimatado” e qualificado para os afazeres da labuta das usinas de cana-de-açúcar e demais artesãos. Outro obstáculo além do preconceito era a língua. Porém, junto com os operários europeus vieram também os ideais e “modus operandi” de organizarem-se em associações para a aquisição dos seus direitos e o sentimento classista que aflorava e deslindava em meio a essa nova constituição social vigente no país.

“Data também do final do século XIX a criação da Sociedade Operária Sergipana, que antecederia o Centro Operário Sergipano, órgão criado em 1911 e que teve como função congregar os trabalhadores urbanos até 1964. ” (SANTOS, Lenalda; apud. SANTANA, p. 186)

Apareceram também os primeiros jornais ligados aos interesses dos trabalhadores (“O Operário – 1891 e “A Voz do Operário” – 1920), e, apesar de não existirem sindicatos em Sergipe até 1930, pois o primeiro foi fundado em junho de 1931, mesmo com esta deficiência, foram registradas algumas greves de trabalhadores (greve em 1921, pela jornada de 8 horas, e uma greve de ferroviários em 1927). Esse surto de industrialização contribuiu, de uma forma decisiva, para o

crescimento urbano de Aracaju; como consequência, surgiu na capital uma faixa da população menos dependente do patronato rural e, portanto, com maior possibilidade de independência política. Esse setor urbano, operário em sua maioria, não pôde mais ser ignorado pelos estrategistas da classe dominante. (Op. Cit. P. 187)

Em relação aos dois grandes conflitos políticos daquela primeira metade dos anos 1930, as “revoluções” de 30 e 32, que haviam galvanizado os espíritos, principalmente nas grandes cidades, o Partido mantivera uma distância olímpica. Em Moscou, aliás, Prestes escreveria um artigo denunciando “socialistas e prestistas” que conduziam “as massas operárias e camponesas”, e o único “chefe e guia” era o “partido do proletariado”; no entanto, como se admitia nos relatórios, os recursos eram escassos. A imprensa partidária pequena: “O órgão do partido sai irregularmente, com 5 mil exemplares e não tem correspondentes operários”. Somente uma cédula contava com jornal próprio. Havia alguns jornais sindicais entre gráficos e metalúrgicos, mas de pouca expressão – as tiragens não passavam de 2 mil exemplares. (REIS, 2014, p. 138)

Os Torpedeamentos na Costa sergipana; à Caça aos Galinhas verdes:

Sabemos que nesse contexto (1939/45) da Segunda Guerra Mundial, o Brasil estava passando por um certo desenvolvimento industrial. Assim, não interessava muito para Vargas para quem o Brasil fosse exportar os seus produtos; inclusive, armas e munições. Sabemos do flerte de Vargas com os nazifascistas, porém, com

os torpedeamentos em 1942, fora o estopim para que Vargas saísse definitivamente de cima do muro e entrasse na Guerra a favor dos Aliados, o povo forçara-o a declarar guerra às potências nazistas do Eixo.

Em virtude do ataque sistemático do U – 507 e do assassinato de mais de seiscentas pessoas, o governo brasileiro, em 22 de agosto de 1942, decretou estado de beligerância contra as nações agressoras, Alemanha e Itália. Em 31 de agosto, decretou estado de guerra contra o Eixo. (SOTERO, p. 115)

A agressão resultou na morte de centenas de pessoas que apareceram nas Costas territoriais do Estado, comovendo a população e afetando o governo de Maynard. As massas saíram pelas ruas à cata de colaboradores dos nazifascistas, os chamados de “quinta colunas”, realizando depredações e saques difíceis de serem evitados.

A notícia da chegada de cadáveres às praias de Sergipe, principalmente, em Estância e no Mosqueiro, causou comoção do povo sergipano. Muitos corpos mutilados e em adiantado estado de putrefação. Os sobreviventes dos naufrágios chegavam esfarrapados, em estado de choque. Em todo o Estado, explodiram manifestações de protesto. Em Aracaju, por volta das 11 horas, uma multidão tomou a Rua João Pessoa, em frente ao hotel Marozzi, local hoje ocupado pelo Edifício Cidade de Aracaju.

Após realização do comício, a multidão se dirigiu ao Palácio do governo, na Praça Fausto Cardoso, e foi recebida pelo interventor Augusto Maynard, que falou sobre os naufragos e pediu calma à população. (SOTERO, Op. Cit. P. 111)

Relacionando o torpedeamento dos navios à espionagem de alemães e de italianos aqui residentes e aos adeptos do integralismo, a população passou a atacar residências e estabelecimentos comerciais dos mesmos. Muros de casas de italianos e de alemães foram pichados.

Após os torpedeamentos, os estudantes foram às vias de fato e, com truculência, invadiram casas, lojas e sítios dos suspeitos de serem comparsas dos submarinos agressores. Enquanto populares saqueavam a casa, os estudantes mais se preocupavam em encontrar provas que incriminassem os moradores suspeitos. Essa sublevação em volta do prédio não era espontânea, pois os alvos eram previamente escolhidos: os proprietários alemães, italianos, espanhóis e sergipanos (integralistas e/ou simpatizantes da Alemanha nazista). (CRUZ, apud. Sotero, p. 112)

Nicola Mandarino, rico negociante, italiano residente em Aracaju há mais de cinquenta anos, tornou-se o principal alvo da população descontrolada. Teve a residência invadida e depredada. A família conseguiu sair às pressas de casa. A indústria de Nicola, na Avenida Coelho e Campos, bem como sua fazenda colégio em São Cristóvão, também foram alvo da revolta dos sergipanos. Acusado de espionagem, o italiano terminou preso e encaminhado à penitenciária de Aracaju. Conseguiu a liberdade apenas em fevereiro de 1943, ao ser excluído do processo 2.661 do Tribunal de Segurança Nacional. (Idem, p. 114)

Entre os integralistas investigados no inquérito policial instaurado pelo chefe de polícia Enoch Santiago: Gerônimo Moreno Garcia, Jacinto de Figueiredo Martins, Doutor Joaquim de Fraga Lima, Antônio Lima de Faria, Rosalvo Rosa Queiroz, Agnaldo Alves Celestino, João Alves da Costa Ouro, Carlos Augusto Travassos Serrano e Sérgio Valério.

O Parque Teófilo Dantas parecia uma praça de guerra. Centenas de sacos de areia eram amontoados estrategicamente, formando trincheiras e abrigo anti-aéreo, guarnecidos por forças do exército. Aviões do aeroclube anunciados por sirenes, sobrevoavam o centro da cidade lançando pequenos sacos de areia simulando um bombardeio. Soldados postos em cima do prédio, atiravam em velhas metralhadoras balas de festim em direção aos aviões supostamente atacantes. (MELINS, Murilo; apud. Sotero, p. 116)

O atentado nazista alterou o cotidiano dos sergipanos, que permaneceram em estado de alerta até o final da Segunda Guerra Mundial. Além dos torpedeamentos ocorridos em agosto de 1942, o navio Bagé foi torpedeado, na Costa de Sergipe em 31 de julho de 1943, pelo submarino alemão U – 185.

O Fim da II Guerra e do Estado Novo:

À medida que a II Guerra Mundial transcorria, o quadro ideológico justificador do autoritarismo foi sendo corroído de forma progressiva. A expansão dos Nazi-fascistas e as hesitações de Vargas preocupavam os setores democráticos. Aos poucos foram sendo criadas entidades que, ao mesmo tempo que se opunham à Guerra, iam também atingindo a ordem autoritária. O reaparecimento da Liga de Defesa Nacional, propondo o “congraçamento de todas as forças em defesa da nacionalidade”, a Sociedade dos Amigos da América, a União dos Estudantes, foram encontrando repercussão até no seio da sociedade civil e do aparato público, desde pelo menos 1942.

Em Sergipe, esses movimentos foram se refletindo em variadas proporções. Os estudantes, que de muito vinham participando dos eventos políticos, fundaram associações tais como a Liga Estudantil de Defesa Nacional, que tentava realizar inclusive comícios contra os “inimigos do Brasil”. Enquanto isso, jornais, como O Nordeste “o quinto coluna” (O Nordeste, julho e agosto de 1942). Tais movimentos, em meio à demonstração de inflamados patriotismos, apresentavam sentido mobilizador e iam investindo contra as tendências autoritárias e totalitárias. O manifesto dos intelectuais sergipanos de julho de 1942, endossando a declaração de princípios de personalidades do sul do país, contou com adesões até dentro da sociedade política. Os bombardeios dos navios na Costa entre Sergipe e Bahia projetou repúdio aos nazi-fascistas com toda força e, em contrapartida, em defesa dos aliados, representantes dos ideais democráticos. Internamente, Vargas foi postergando o trânsito do autoritarismo para a democracia. (DANTAS, Op. Cit. P. 94)

Editou em 28.02.1945 o Ato Adicional número 9 que tratava da redemocratização e concedeu anistia em 18.04.1945 para crimes políticos. Os exilados retornaram, mas, diante de um governo que se mantinha há quinze anos com manobras imprevistas, a desconfiança era grande. Com o retorno dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira, em meio a elevado clima emocional, as contradições se acentuaram. Os soldados que lutaram pela democracia encontravam seu país ainda sob o jugo do Estado autoritário. Quando em fevereiro de 1945, caiu a censura no Sul do país e foram anunciadas eleições gerais, o processo de mobilização da sociedade pela liberalização ganhou maior vigor.

Intensificam-se as campanhas pela anistia e contra o fascismo. Passeatas e manifestos se tornam frequentes, exigindo o fim da ditadura. O movimento pela

reorganização partidária acelerou-se, explicitando a nova configuração de relações de força. (Op. Cit. P. 95)

Em Sergipe, os estratos médios, dispersos em todos os partidos controlados pelas forças dominantes, encontravam dificuldades em formar uma agremiação com identidade própria. Em situação semelhante se encontravam os trabalhadores urbanos. Embora Vargas tenha recomendado aos governos a criação do PSD, agregando a elite governamental, e reservado o PTB para os trabalhadores, estes careciam de unidade. Parte ficou solidária a Maynard, apoiando o PSD, outra parcela foi sendo arrastada pela pregação populista do Partido Trabalhista Brasileiro, que seria dirigido por Francisco Araújo Macedo, congregando inclusive os “Queremistas” (grupo que queria a Constituição com Vargas); enquanto um setor mais ativo se articulava em torno do Partido Comunista Brasileiro. Além desses, ainda havia os associados ao Círculo Operário, que tendiam a prestar apoio aos candidatos mais conservadores. O Estado Novo, que consolidou a legislação social, contribuiu para o fracionamento dos trabalhadores urbanos. (Idem, p. 96)

Na área estudantil, o movimento pela democratização do país espalhava-se, encontrando crescente entusiasmo dos jovens. No Atheneu, o Grêmio Estudantil Clodomir Silva publicava seu jornal “Voz do Estudante”, cada vez mais animado com o novo amanhã que estava para nascer. Nesse ambiente estendiam sua participação política ingressando no Partido Comunista, no qual havia núcleo bastante ativo. Mas, quando o PCB se dividiu em duas correntes, uma alinhada com a oposição ao governo ditatorial e outra que o apoiava, provocou muita discussão, entrou em crise e arrefeceu o movimento. (Idem, p. 102)

Nas ruas, sucediam-se manifestações, os comunistas propunham a formação de comitês para defender os interesses dos trabalhadores. Afluíam ao partido, milhares

e milhares de novos adeptos, nem todos propriamente simpatizantes do comunismo, boa parte nem sabia o que era isso, mas ansiosos por aderir a um partido comprometido com a luta contra a injustiça, a desigualdade, a miséria, as arbitrariedades da polícia. Houve caso de assembleias de operários, em fábricas, filiando-se em massa. Na porta das sedes partidárias, formavam-se filas de pessoas querendo se filiar. Por outro lado, o PTB, a partir de agosto, lançou manifestações de massa, cada vez mais calorosas, pela continuidade de Getúlio Vargas no poder. Era o movimento queremista: “Queremos Getúlio!” (REIS, 2014, p. 230)

Trabalhistas e comunistas já disputavam o controle dos movimentos sindicais, mas tinham um acordo básico: a Assembleia Constituinte deveria eleger-se e promulgar uma nova Constituição com Getúlio no leme do governo. Propunham que só depois disso se fizesse a eleição para presidente da República, sob normas definidas pela nova Carta.

Com um golpe militar, em 29 de outubro de 1945, apearam-no no poder e instalaram em seu lugar o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares. Muitos anos depois, Prestes diria ter sido favorável a uma resistência ao golpe. Na véspera, fora prevenido por um homem do partido no Exército de uma coluna de tanques, chefiada pelo coronel Alcio Souto e com apoio da Vila Militar, seria mobilizada para depor Getúlio. O líder comunista avisou a quem pôde, e se refugiou em uma casa em Ipanema arranjada por Arruda Câmara. (Idem)

Seus piores pressentimentos, porém, não se concretizaram: a democracia fora preservada, mais pela atmosfera geral do pós-guerra e das rivalidades dos próprios golpistas, divididos em duas alas – a de Dutra e a de Eduardo Gomes - , do que pela vontade dos comunistas. Através de dois decretos, editados em novembro José Linhares manteve o pleito de 2 de dezembro. Reiterando as atribuições constituintes

dos deputados e senadores eleitos, e estipulando que, no mesmo dia, haveria votação para presidente da República. Em outro movimento simbólico revogou a lei antitruste. (REIS, Op. Cit. p. 234)

Era uma corrida contra o tempo: escolher alguém que pudesse fazer a ponte com os trabalhistas e, eventualmente, ter o apoio de Vargas. Luiz Carlos Prestes, chegou a sondar Prestes Maia, ex-prefeito de São Paulo. O homem vacilou. Assim, com apenas quinze dias de antecedência, em 17 de novembro, limite máximo para a inscrição dos candidatos. Por indicação de Agildo Barata, o Partido Comunista lançou o nome do engenheiro Iedo Fiúza, ex-prefeito de Petrópolis, um homem do Estado Novo, ilustre desconhecido em âmbito nacional, mas próximo de Getúlio Vargas e do PTB. Mais tarde, Prestes manifestou arrependimento por não ter solicitado expressamente o apoio de Getúlio;

Em 2 de dezembro, o PSD triunfou: elegeu o presidente da República (o general Eurico Gaspar Dutra) e 177 constituintes (26 senadores e 159 deputados), maioria absoluta da Assembleia de 328 deputados e senadores, embora com apenas 43% dos votos válidos. A UDN elegeu 89 constituintes (26,6% do total), e o PTB, 23 (6,8%). Os comunistas apareceram em quarto lugar, com dezesseis constituintes (4,7% dos votos); os demais partidos elegeram 25 deputados e senadores (7,2%). (REIS, Op. Cit. P. 232)

O êxito do PSD assinalou a hegemonia das forças conservadoras, bases de uma democracia autoritária, como alguns a chamariam mais tarde. A própria UDN, em cujas fileiras se encontravam muitos opositores do Estado Novo, era dominada por um pensamento liberal conservador, avesso à participação política das camadas populares. (Idem, p. 234)

Na interventoria, Maynard, sempre solidário a Vargas, era apontado como o candidato do PSD a governador, no pleito marcado para 2 de dezembro. O presidente, que administrava o processo de transição, manobrava para eleger seus aliados, e alimentava o movimento “queremista”, que defendia a sua permanência. Mas, os fatos se precipitaram, interpretando os reclamos do movimento oposicionista, o General Cordeiro de Farias, em nome dos seus pares, foi a palácio no dia 29 de outubro de 1945, levar-lhe um ultimato para que renunciasse. O Exército que o entronizou, o depôs.

A queda do presidente surpreendeu Maynard em trânsito para Sergipe. Foi preso em Salvador, como medida acautelatória, já que o interventor permanecia fiel ao ditador até o fim. Terminava o Estado Novo, e, com ele, o primeiro governo Vargas, que perdurou quinze anos. Abria-se uma nova página da política nacional e estadual. (DANTAS, p. 97)

Fim da Era Vargas:

Com o suicídio de Getúlio Vargas em 1954, findara também no Brasil, e, conseqüentemente, em Sergipe, os arroubos do pensamento integralista. Uma vez que, com a derrota dos nazifascistas durante a Segunda Guerra Mundial e o reordenamento de poder no Globo terrestre tornara-se impossível para os integralistas continuar suas pregações de supremacia branca, seu lema preconceituoso de: “Deus, Pátria e Família, de extrema direita e de apoio ao Führer. Em um país ecumênico como o Brasil, multifacetado, continental, onde em cada uma das cinco Regiões encontramos idiossincrasias totalmente diversas uma das

outras, até dentro de um mesmo Estado as encontramos, justamente devido à nossa colonização e formação étnico cultural. Logo, sempre soou como um vitupério o nazifascismo aqui no Brasil, uma aberração!

Ademais, quando o mundo inteiro se escandalizara com as atrocidades nazistas que Adolf Hitler fora capaz de cometer em nome da “evolução da espécie humana”, com o holocausto de milhões de comunistas e judeus em Campos de Concentrações nazistas, de deficientes físicos para não macular segundo sua teoria a qualidade da raça “Ariana”, única, ainda segundo eles - os nazifascistas e sua versão crioula integralista – os únicos capazes de controlar os destinos do mundo e dar-lhe progresso. Pois, ainda segundo essa ideologia preconceituosa, o atraso do mundo é proveniente do Negro, dos mestiços, dos índios, enfim: de todas as raças, credos e religiões que não constituem essa tal “raça ariana”. Parte de nossos intelectuais da época e, inclusive, cientistas aderiram a essas falácias e gerou-se no Brasil uma política institucionalizada de “Darwinismo Social”, de branqueamento da raça para assim conquistarmos o tão almejado progresso físico e intelectual, é o que se ficou conhecido como “Eugenismo”. Política corroborada com a importação de muitos trabalhadores europeus de diversos países com o fito de “aprimoramento” de nossa raça. O Brasil desejava passar para o resto do mundo que era um país predominantemente branco, e, criou-se também o mito da “Democracia Racial”, exportado pelo sociólogo Gilberto Freire através de sua obra “Casa Grande e Senzala” de 1930, onde o mundo rendeu-se e ficara curioso para saber como se dera o sucesso dessa “colonização cortês” que acontecera no Brasil e da inexistência do racismo nesse país.

O biólogo sergipano de Aracaju, Manoel Bomfim é um dos únicos intelectuais do fim do século XIX e início do XX que irá destoar dessa teoria racista, e, por esse motivo será execrado do rol dos intelectuais, voltando a ser redescoberto pelo célere

professor Darcy Ribeiro já muito tempo após sua morte, pela sua proteção e estudo sistemáticos que esse nobre professor e antropólogo realizava acerca dos povos nativos do Brasil. Pois, é com sua dissertação de doutorado na França: América Latina: Males de Origem, que, Manoel Bomfim irá “provar cientificamente” que a culpa do atraso do Brasil e da América latina (o nosso “Jeitinho brasileiro”) é do colonizador, do europeu, em nosso caso do português, porque não trabalhava vivia como um sanguessuga, nas palavras de Bomfim: um “Parasita” eles parasitavam o povo brasileiro, e, por não trabalharem atrofiaram seus membros, pela falta de exercício ficaram aleijados”. Por esta razão, ainda segundo Bomfim: “tudo que eles pilharam do Brasil tiveram que repassar para os ingleses para comprar tudo o que necessitavam, desde um navio (Vapor) até uma enxada, um calçado, porque os portugueses não fabricavam coisa alguma!

”Aliás, segundo Max Weber, em sua clássica obra: “A Ética Protestante do Capitalismo”, isto irá ser decisivo nos tipos de colonizações que foram impostas na América do Norte e do México para baixo, os países latinos. Pois: ainda segundo Weber, o colonizador anglo saxão por ser calvinista ou protestante primava pelo trabalho e, não somente pela pilhagem. Haja visto, também que a relação com suas obrigações e sua igreja é muito séria, e, é assim que, ainda segundo Weber, acontece naturalmente o enriquecimento do capitalismo nas nações protestantes: “ele paga dez por cento de dízimo para a igreja, porém fica com 90%, enriquece ele pelo fruto do seu labor, e, conseqüentemente, sua igreja pelas ofertas dizimais”.

Então, é usando seus experimentos com botânica, através do empirismo, da observação, que Bomfim consegue “provar” em sua tese de doutorado – que posteriormente transformara-se em livro - que a culpa do nosso atraso estava no “Parasitismo português”. (BOMFIM; Manoel, América Latina Males de Origem, 1905)

Então, é desse darwinismo social que Hitler se apropriara para tentar subjugar o mundo, e, como hoje fazem o presidente Jair Messias Bolsonaro com seus seguidores copiando literalmente toda essa teoria excludente e, peremptoriamente, anacrônica para o avanço inexorável da ciência em nossos dias. Mostrando por exemplo, além do negacionismo científico, que explicitara e explicita o tempo inteiro na pandemia da Covid 19, ele chega a afirmar recalcitrantemente que o ensino superior é para poucos! Ou seja: o pobre e o negro na visão dele não têm capacidade de cursar o Ensino superior. Pois, o mesmo, naturalmente (meritocráticamente nas palavras dele), é o destino apenas dos notáveis, dos bem-nascidos (como dizia Aristóteles; A Política 400 Ac.). Ou seja, o presidente Bolsonaro irá catalisar o descontentamento de uma parcela da população que estava deveras incomodada e insatisfeitos com as cotas de 50% nas universidades públicas para alunos oriundos da Escola Pública, das bolsas do Prouni conseguidas através do Enem para ingresso nas Faculdades particulares.

Enfim, as ditas classes média e alta brasileira perderam no mínimo pela metade os seus acentos nos cursos de nível superior (que antes, quase a totalidade pertencia aos mesmos), e, conseqüentemente, passaram a enfrentar uma concorrência hercúlea nas disputas em concursos públicos e no mercado de trabalho em geral. Ou seja: perderam a sua zona de conforto. Pois, qual era o caminho natural dos meninos e meninas brasileiros e brasileiras que passavam a vida inteira estudando nos melhores colégios particulares do Brasil? A Universidade pública! Ou seja, paradoxalmente, em nosso país, os papais ricos e mães ricas investem tudo, gastam muito com educação de qualidade para ao término do Ensino Médio verem seus pupilos adentrarem em curso de ponta na Universidade Pública.

No pós-Guerra duas nações saíram extremamente fortalecidas; Os Estados Unidos da América e, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, formando dois

blocos antagônicos que liderarão os destinos dos países que passam a integrar respectivamente uma das duas correntes ideológicas: os Estados Unidos liderando o bloco capitalista e a União Soviética o de Regime Socialista.

As atrocidades cometidas pelo nazifascismo foram tão gritantes que essa ideologia fora criminalizada, e até mesmo na Alemanha de hoje ela é execrada, dado ao nível indelével de destruição e tormentos que causara a milhões de seres humanos. Por tudo que fora exposto até aqui, e de todas as conquistas que a democracia, o Estado democrático de direito, os direitos à vida e a pessoa humana, a nossa Carta Magna de 1988, enfim: a tudo que a civilização já introspectara, principalmente, nós, ocidentais e brasileiros com todos os avanços que tivemos após a redemocratização do país – o maior período desde o início de nossa República – já são 36 anos de democracia ininterrupta, por isto, esses descaminhos, esse retrocesso democrático é um fato que gera perplexidade, principalmente para nós historiadores, jornalistas, humanistas, em geral, que lidamos com vidas, que amamos a natureza, as praias, a imensidão da Amazônia, o Pantanal mato-grossense, o Cerrado...: como é que os brasileiros e brasileiras permitiram que uma tragédia dessas acontecesse? Esse retrocesso histórico? Ver pessoas racistas e preconceituosas se arvorarem de “moralistas”, conservadores, “cristãos” deste ou daquele credo, para fazer imperar ainda mais a exclusão social! Isto não é racional! Não é aceitável! É obtuso, obsoleto, não é Direito, não é justiça!

Adolf Hitler apresentava, porém, uma vantagem sobre Bolsonaro: hábil orador, tinha larga cultura clássica e conhecimento de economia e geopolítica que usou para legitimar seus planos de purificação da raça ariana, com o extermínio de militantes de esquerda, judeus, imigrantes árabes, negros, homossexuais. Muitos estudos foram realizados sobre as relações entre o seu desvario pelo poder e seu caráter ressentido e agressivo com mulheres. Temperamental, explosivo e inculto, Bolsonaro

não demonstra cultura mínima para a posição que ocupa ou capacidade de desenvolver uma conversa inteligente. Afirma coisas como “um afrodescendente não serve nem para procriar”, “claro que as mulheres deveriam ganhar menos porque engravidam”, “preferia ter um filho morto a ter um filho gay”, “ou os trabalhadores precisam escolher entre ter direitos ou emprego” e “não te estupro porque você não merece”, figuram na sua longa coleção de bestialidades. (Extraclasse)

É com base nessas indagações que selecionei a seguir algumas reportagens dos sites: Jornalistas Livres e do Extraclasse, que explicitará o que nós brasileiros estamos vivendo hoje, quais os perigos dessa “normose” em que nos abismamos e estamos todos e todas, reles mortais estarecidos dia após dia com as declarações de baixo calão de um Chefe de Estado incompetente, e, que age como se fora um monarca, que estimula o ódio e o assassinio de pessoas, para onde vai carrega sua corte, seus príncipes herdeiros, após viver quase trinta longos anos de experiência no parlamento: apagado, ignóbil, tenebroso, reptiliano... Enfim: como nós brasileiros e brasileiras permitimos tamanho atestado de insensatez, de ignorância! Ressuscitar uma doutrina lá da primeira metade do século passado e vê-la esposar o comando do maior país de língua portuguesa, o maior país da América do Sul, o maior e mais rico em minérios, em diversidade cultural... da América Latina. Leiam com atenção as reportagens que se seguem; mas, leiam despídos de preconceitos, pois, os profissionais jornalistas rastreiam fatos, vestígios, não inventam fakenews para macular ninguém! Esta é a grande diferença do senso ético, o senso de responsabilidade, da práxis dos cidadãos e cidadãs.

O Fascismo no Brasil atual:



(Fonte: internet; Extraclasse)

A atuação dos “300 do Brasil” é a face mais visível, mas não a única, do aumento exponencial de manifestações de cunho autoritário, paramilitar e francamente fascistas no Brasil pós-Bolsonaro. Desde a eleição, uma militância furiosa, armada e fora de controle gravita em torno do capitão reformado, disseminando um discurso de ódio e manifestações de racismo, xenofobia, crimes contra a vida e intolerância religiosa – além de apologia ao nazismo

O episódio ocorreu na quarta-feira, 13 de maio de 2020, na saída matinal do presidente do Palácio da Alvorada – residência oficial de Jair Bolsonaro: um grupo de dez acampados da milícia autodenominada 300 do Brasil, que defende o fechamento do Congresso e do STF e a implantação de um regime militarizado no país, entoou durante um minuto palavras de ordem contra o regime democrático, sob o olhar complacente do capitão reformado. “Eu já falei, vou repetir, é Bolsonaro quem manda aqui” era o mantra do grupo, cantado em clima de comemoração. A militante neonazista Sara Winter liderou o ato de insubordinação.



(Foto: internet)

Depois da batida da PF, Sara Winter liderou protesto com 10% dos 300 do Brasil contra o STF, numa tosca imitação da Ku Klux Klan. Para escapar de um eventual mandado de prisão, pediu asilo nos EUA, que foi negado. Bolsonaro, aliás, não se limitou a observar o grupo, classificado como “milícia armada” pelo Ministério Público do Distrito Federal (MP/DF) e alvo de ações judiciais de cunho criminal: cumprimentou a ativista e a chamou pelo nome. Sara, que se apresenta como líder e porta-voz do grupo, conversou com o presidente. Os dois estiveram juntos na campanha eleitoral de 2018. “Obrigada por tudo! Por fazer isso em apoio ao senhor, pais e mães de família estão agora sendo investigados”, vociferou a ex-servidora do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. No mesmo dia, o MP/DF ingressou com uma ação judicial solicitando busca e apreensão de armamento irregular no acampamento. A recomendação de que a Polícia Militar desmontasse o local para resguardar a segurança pública foi negada pelo juiz Paulo Afonso Chavichioli Carmona, da 7ª Vara da Fazenda Pública do DF. Alegou “direito de reunião e manifestação no espaço público” – embora a Constituição, no artigo 5º, proíba associações de caráter paramilitar. (Idem)

A eleição de Bolsonaro atçou e, de certa forma, aglutinou uma direita extremada, que flerta com o neonazismo, em torno da figura presidencial. A atuação dos “300 do Brasil” é a face mais visível, mas não a única, do aumento exponencial de manifestações de cunho autoritário, paramilitar e francamente fascistas no Brasil pós-Bolsonaro.

Outra característica marcante e comuns entre o fascismo, o nazismo e o integralismo é a necessidade que seus adeptos têm em uniformizar-se, apropriarem-se das cores de sua bandeira nacional para exprimirem com fervor o seu “nacionalismo” exacerbado. Hoje, os bolsonaristas desfilam com camisas da seleção brasileira e/ou bandeira do país ou demais adereços com seus matizes. No integralismo, assim como no fascismo italiano e nazismo alemão, chegavam mesmo a uniformizarem-se com os trajes do exército de seu respectivo país. A pesquisadora Sotero nos narra a respeito de casal integralista em Aracaju na década de 1930 o seguinte:

Lydio e Efren compareciam regularmente uniformizados às sessões públicas ocorridas no Edifício Macedo, bem como aos eventos promovidos pelo Núcleo Provincial. Eram frequentadores assíduos do Aero clube de Aracaju, outro reduto de integralistas. (SOTERO, 2018, 2ªed.)

CRUZ DE FERRO – Ex-militante feminista, Sara Winter – cujo nome verdadeiro é Sara Fernanda Giromini – tem 130 mil seguidores no Twitter e mais de 250 mil no seu canal de Youtube e simpatias declaradas pelo nazismo, a ponto de ter tatuada, no ombro esquerdo, uma cruz de ferro, símbolo frequentemente associado a Hitler. Seu nome de guerra é uma homenagem à militante fascista de origem inglesa Sarah Winter, que ajudou a criar a União Britânica de Fascistas nos anos 1940.

Sara apresenta o grupo como “o exército” de Bolsonaro na luta “pelo fim do comunismo” e contra a corrupção. “Estamos com o senhor para o que der e vier”, concluiu. O presidente respondeu: “Minha base é (sic) vocês”. No sábado 30 de maio, à noite, Sara mobilizou duas dezenas de militantes para marchar com tochas e máscaras em frente à sede do STF, numa alusão clara aos métodos da organização racista norte-americana Ku Klux Klan. (ILHA, 10/06/2020)



(Foto: Redes Sociais/ Reprodução)

Acampamento dos “300 do Brasil” no DF: o discurso de ódio, porte de armas e defesa de ideias inconstitucionais são crimes. A antropóloga Adriana Dias, que estuda manifestações da extrema-direita no Brasil há 20 anos, pondera que há uma clara relação entre a eleição de Bolsonaro e o crescimento do discurso de ódio no país, que inclui uma gama de manifestações de racismo, xenofobia, crimes contra a vida e intolerância religiosa – além de apologia ao nazismo.

Durante a eleição de 2018, de acordo com o levantamento da SaferNet, as denúncias de crimes cibernéticos envolvendo manifestações neonazistas cresceram cinco vezes entre o primeiro e o segundo turnos, em outubro. Nos últimos 12 meses, segundo a mesma fonte, o panorama se repetiu: entre abril do ano passado e abril de 2020, o aumento no número de alertas à ONG sobre manifestações neonazistas

na internet passou de 87 denúncias para 307 – uma alta de 253%. Adriana Dias acredita que há uma perigosa tolerância com essas ações, que estão tipificadas criminalmente tanto na Constituição quanto no Código Penal.

“Geralmente as pessoas classificam essas mensagens como coisa de crianças, como bravatas. Está na hora de parar de brincar com essas manifestações, que mostram um grau excessivo de patologia social. Estamos mansos demais com esses neonazistas”, afirma a pesquisadora. O presidente da SaferNet, uma ONG que desde 2005 recebe denúncias de crimes cibernéticos, concorda: “Geralmente essas atividades não se encerram numa postagem”, adverte Thiago Tavares.

Extrema direita e o neonazismo

A eleição de Bolsonaro atçou e, de certa forma, aglutinou uma direita extremada, que flerta com o neonazismo, em torno da figura presidencial. A antropóloga, que no seu trabalho de pesquisa detectou 334 grupos neonazistas em atuação no Brasil no final de 2019, diz que o crescimento dessas manifestações é assustador. “O problema é que o limite vem subindo na mesma velocidade. O que antes era imoral, hoje vai se tornando palatável para uma camada social que se sente reprimida em seus direitos”, constata Adriana.

Nas redes sociais, Wesley Franz, da banda Oildiados, de Canoas, ostenta símbolos neonazistas e prega o extermínio de comunistas



(MATOS, Rodrigo; 08/10/2018)

Em Porto Alegre, uma mulher de 19 anos afirmou ter sido marcada na barriga por três agressores em represália por estar usando uma camiseta com a frase #Elenão, em referência ao candidato a presidente Jair Bolsonaro (PSL). Sua denúncia foi registrada em delegacia, e a polícia está apurando. Foi mais um caso de uma série de denúncias de agressões que teriam sido cometidas por apoiadores do presidencial do PSL nos dias que anteriores e posteriores à eleição. Em seu relato, a mulher, que não quis se identificar com medo de represálias, afirmou que ao descer do ônibus na última segunda-feira (8) foi abordada por três homens por conta de sua camisa contra Bolsonaro na rua Baronesa d.

(<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/10/apoiadores-d>)

O delegado Leonel Radde, que tem se especializado em estudar os grupos de extrema-direita que afloram no país, recomenda que se leve a sério esses movimentos, geralmente tratados como inofensivos. “Pelo contrário: são criminosos que desrespeitam as leis ao exaltar ideologias banidas legalmente e que pregam uma ruptura institucional. Infelizmente, a reação social a esses grupos, que estão se multiplicando com velocidade, tem sido débil demais”, opina. (Idem)

Os astros do crime:

Antes circunscritas ao anonimato da deepweb, essas mensagens têm cada vez mais usado as redes sociais como principal canal de propagação. Um dos grupos mais ativos já identificados pelos investigadores atua na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Numa troca de mensagens com amigos no dia 2 de abril, o internauta Wesley Franz se declara anticomunista e diz ter “aliados” por todo o Brasil. A Lei 7.716, de 1989, pune com até cinco anos de cadeia a utilização ou difusão dos símbolos mais óbvios do nazismo com outros usuários da rede, menciona que atua para “esmagar os comunas” e informa que passou o nome de um suposto militante antifascista “para o comando”. E adverte: “pede para gravar” – em caso de agressão ao denunciado. Franz é integrante de uma banda chamada Oi!diados, de Canoas, um grupo de skinhead rock declaradamente anticomunista. Além da radical postura ideológica, outra característica comum dos integrantes da rede é apoiar Bolsonaro incondicionalmente. (MATOS, 08/10/2018)

Outros usuários que interagem na rede expõem mensagens de ódio à esquerda, postagens de exaltação à violência, contra a ativista Greta Thunberg e também claramente racistas e homofóbicas. Várias mensagens estão fechadas, acessíveis apenas a pessoas autorizadas. Em um dos posts, entretanto, uma mulher posta uma suástica como comentário a uma selfie publicada pelo músico. As trocas de mensagens muitas vezes são cifradas. NS, por exemplo, é sigla de nacional socialista, partido de Adolf Hitler que deu sustentação política ao nazismo.

Os usuários também compartilham conteúdos aparentemente sem nenhuma conotação política, mas que têm vinculação direta com imagens ou discursos

nazistas. Boa parte desses internautas, por exemplo, curte a página de uma organização chamada Tyr Odal Black Order – a reunião de duas bandas brasileiras de metal “para difusão da gnose primordial dos deuses”. (Jefferson Ruby/ Agência Senado)

Para quem não sabe, Tyr e Odal são dois símbolos usados por movimentos neonazistas mundo afora: Tyr (ou Tiwaz rune) foi adotado pelos nacionalistas da Suécia, enquanto o Odal se originou de regimentos SS, especialmente dos bálticos. A pesquisadora Adriana Dias destaca que essa é uma estratégia cada vez mais usada pelos grupos para burlar a legislação restritiva.

“A Lei 7.716, de 1989, pune com até cinco anos de cadeia a utilização ou difusão dos símbolos mais óbvios do nazismo: a suástica e a cruz gamada. Mas há muitos outros que precisam ser coibidos e que têm a mesma simbologia”, explica. Postagens de internautas e grupos identificados com Bolsonaro fazem apologia ao nazismo abertamente nas redes sociais

Mensagens de ódio:

No trabalho em que identificou as células neonazistas em atuação no Brasil, a pesquisadora sistematiza também pelo menos duas dezenas desses símbolos variantes da suástica. Alguns deles são largamente usados por bandas de metal do Brasil e do exterior e por muitos dos internautas que se situam nesse novo espectro autoritário.

A banda Oi!diados, de Canoas, e outros grupos de punk rock fazem parte de um gênero conhecido como RAC – Rock Against Communism, em inglês, ou simplesmente rock contra o comunismo. Todas as bandas, sem exceção, adotam

uma agenda oficial anticomunista, expressa em letras, símbolos e comportamento. O delegado Leonel Radde diz que esses grupos são a principal fonte de difusão de mensagens de ódio atualmente no país.

Uma das principais dessas bandas é a Código de Honra, formada em 2018 em São Paulo e que também adota um discurso antissionista. O grupo iria participar, em maio, do festival This is war II (Isto é guerra), marcado para Santiago do Chile – adiado para outubro devido ao “vírus chinês”, como informa a página oficial da banda. Local, dia e hora do show são transmitidos apenas por mensagem fechada. A banda também participaria de um festival chamado Sonidos Anti Sionistas, sem informação pública de data ou local para ocorrer. (Op. Cit.)

Heróis Neonazistas:

Outro ponto comum entre os internautas é a banda sueca Marduk – especialmente o álbum Panzer Division (1999), uma alusão explícita às unidades da “guerra relâmpago” de Hitler constituídas em média por 320 tanques e quatro batalhões de infantaria. Os temas dos álbuns invariavelmente enfocam as campanhas de guerra hitleristas ou heróis do nazismo. A banda Oi!diados pega carona nessa onda e na faixa Revolta skinhead reproduz trechos de marchas nazistas.

As ligações desses grupos com o poder são cada vez mais evidentes, como mostrou o diálogo entre Sara e o presidente Bolsonaro no dia 13 de maio. O mais novo aliado, ex-deputado Roberto Jefferson (PTB/RJ), pediu que o “exército” dos 300 “botasse pra correr” um grupo de 50 opositores do governo que estendeu faixas de

protesto na Praça dos Três Poderes. “Ali não é lugar para vagabundo esquerdista se criar”, vociferou Jefferson em uma rede social. A mesma na qual postou foto armado de um fuzil. (Extraclasse, Op. Cit.)

Em abril de 2019, Sara Winter foi nomeada coordenadora de atenção integral à gestante e à maternidade da pasta. Não foi uma escolha aleatória: Sara nasceu em São Carlos, interior de São Paulo, cidade onde a ministra, a quem ela chama de “segunda mãe”, iniciou sua formação política junto a evangélicos conservadores.

Estamos mansos demais com esses neonazistas”, alerta a antropóloga Adriana Dias:



(Foto: Adriana Dias, acervo Raquel Wandelli)

As famílias das duas colaboradoras são muito ligadas. Sara é protegida de Damares e de seu mentor, o ex-senador Magno Malta. Damares, que era chefe de gabinete do então senador, foi quem acolheu a ex-feminista em sua casa em Brasília, em 2017, quando ela foi assessora parlamentar “informal” de Malta e também atuou na ONG Brasil sem aborto, criada pelo ex-parlamentar em 2007. A ativista deixou o ministério em outubro passado e, desde então, dedica-se a mobilizar a tropa de choque bolsonarista.

NAZISMO ESCANCARA SUA AMEAÇA: Slogan de Bolsonaro é tradução literal do lema de Hitler. (Por Raquel Wandelli)



. É o que a filósofa Hannah Arendt chamou de “banalização do mal”, justificada pelo ódio ao inimigo, pelo medo à falsa ameaça do comunismo e pela mentira. Bombada pelas Fake News, a campanha eleitoral de Bolsonaro potencializa a banalização com a viralização do mal na política. (WANDELLI,)

A identificação do presidente da República Jair Bolsonaro (sem partido) com o neonazismo fica a cada dia mais escancarada e assumida, desde o seu slogan de campanha. “Brasil acima de tudo” é o plágio criminoso de “Deutschland Über Alles”, que significa “Alemanha acima de tudo”. Submetidos à lavagem cerebral da propaganda nazista, os alemães bradavam com ardor patriótico, a mão direita sobre o peito ou o braço erguido, o lema dessa política de terror que levou o mundo à Segunda Guerra Mundial e exterminou mais de seis milhões de judeus e de 11 milhões de outros povos.



A segunda parte do bordão, “Deus acima de tudo”, também era inscrita na fivela dos soldados do Exército Nazista. O refrão integrou inclusive o Hino Nacional da Alemanha até ser suprimido no final da guerra. Católico de batismo, Hitler se esforçava para demonstrar fervor religioso. Em muitas imagens do período de guerra ele aparece apertando a mão de um padre durante um discurso, ou marchando à frente de um pelotão de padres que o seguia fazendo o sinal nazista.

Ainda às vésperas do segundo turno, as referências explícitas ao nazismo do candidato que obteve 46% dos votos válidos no primeiro turno já escandalizaram o mundo e provocaram reações de indignação de outros países. A justiça brasileira, porém, fingiu não perceber o que estava acontecendo, embora a exaltação ao nazismo seja crime inafiançável no Brasil, assim como em qualquer país signatário das Nações Unidas e da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Mesmo combatendo o nazismo com rigor, a Alemanha vive sob a ressurgência de grupos terroristas, como a Ku Klux Klan, os Skinheads, as milícias paralelas de extermínio, entre outros. Eles não cessam de reeditar a memória vexaminosa do

holocausto que tornou o povo alemão cúmplice do Terceiro Reich no maior extermínio humano da história mundial. O problema é que o clamor e o aviso dessas forças internacionais não chegam à metade da população brasileira que teve suas consciências sequestradas pelo aliciamento político intensificado a partir de 2013. A esse nazismo mais rudimentar soma-se uma espécie de nazismo às avessas, de ligações sionistas, como o orquestrado por Bolsonaro, que aparece em fotos rezando para a bandeira do Brasil, para a dos Estados Unidos e para a do Estado de Israel, ao qual declara seu apoio e devoção.



Lado a lado nazismo/bolsonarismo

Desde a vida militar ativa, as “ideias” do militar. Punido nos anos 80 com a reserva pelo Comando Maior do Exército por tentar explodir bombas nos quartéis para protestar contra os baixos salários, sempre dividiram o seu público entre adutores e pessoas horrorizadas com o seu comportamento. No início dos anos 90, já no governo Sarney, foi proibido de entrar nos quartéis do Rio de Janeiro em decisão exemplar única na história do Exército Brasileiro, que nunca mais repetiu essa medida com um parlamentar. Acusado de “canalha, covarde e contrabandista” por um oficial e denunciado por ameaças de morte contra uma jornalista, agressões

à ex-mulher e a colegas de farda, o capitão Jair Bolsonaro foi banido durante um ano dos quartéis. A justificativa alegava desrespeito à hierarquia das Forças Armadas, intriga, com presença invasiva nos corredores militares para promover campanha política e angariar votos para sua candidatura a deputado federal, conforme reportagem publicada no DCM e nos Jornalistas Livres por Vinícius Segalla, que teve acesso a um dossiê do Exército-Maior das Forças Armadas. (Idem)

Analisando-se a trajetória de rebeldia e de submissão do capitão ao poderio militar, não há qualquer contradição: fica claro que ele infernizou a vida do Exército sob a égide da Nova República, após a democratização, justamente opondo-se aos que se recolheram para as casernas e decidiram deixar a política para as instituições civis. Em contrapartida, sempre enalteceu os ícones das Forças Armadas que atuaram na ditadura e continuam chamando o golpe de Revolução de 64. Desde sempre Bolsonaro se identificou com a parte mais torpe e inescrupulosa da corporação. Daí vem o culto à imagem dos torturadores, em especial ao seu ídolo general Brilhante Ustra, “o terror da presidente Dilma Rousseff”, como declarou ao dizer sim ao impeachment e dedicá-lo à memória do criminoso que introduzia ratos vivos na vagina de suas vítimas durante as sessões de tortura. (Extraclasse, Op. Cit.)

Acrescentada dos ingredientes do neoliberalismo, o nazismo no Brasil partiu do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde refez a volta cruel da história, acordando a herança ancestral do hitlerismo. O Partido Nazista fez mais adeptos no Sul do que em qualquer outra região do Brasil, como mostra o documentário Anauê! O integralismo e o nazismo na região de Blumenau, do cineasta Zeca Pires. Santa Catarina, chegou a ter 45 mil simpatizantes, quase um terço do total no Brasil. Ainda no ano passado, grupos extremistas foram presos e investigados por comemorar o

aniversário do Führer, um advogado negro recebeu ameaça de morte e a cidade acordou pichada de símbolos e cartazes com símbolos da suástica e cruz de celta ou cruz de ferro.

Se antes o vírus nazista ficava restrito à Região Sul, a campanha Bolsonaro inoculou-o no inconsciente de grupos espalhados por todo o Brasil, de modo que hoje o ódio racista não poupa classe, nem idade, nem cor. Negros são esfaqueados por negros, nordestinos humilhados por nordestinos, mulheres esmagam mulheres. Está no cerne do nazismo semear a discórdia entre os povos, as etnias, os gêneros para manter o poder do dominador. E um povo antes considerado no mundo inteiro como relativamente pacífico e amoroso aplaude essas atrocidades aos gritos de “Mito, mito, mito! ”. Como disse a filósofa da UFSC. Maria de Lourdes Borges, PhD em Hegel e Kant, no dia seguinte ao primeiro turno das eleições, dormimos no Brasil e acordamos com a sensação de estar na Alemanha de 1945. (Extraclasse, Op. Cit.)

NAZIFASCISMO COM NEOLIBERALISMO:

Declaradamente dispensa a leitura de livros, despreza a formação superior e combate as instituições universitárias, que ele diz propagadoras da “ideologia de gênero e do comunismo”, sobretudo as áreas humanas, em favor da formação tecnicista. O marketing do novo embala os piores invólucros dos velhos e perigosos militares de 64.

Em meio a propostas parlamentares marcadas pelo ridículo e irrelevância, votou contra todos os direitos trabalhistas, inclusive das empregadas domésticas, feito do qual ele se orgulhou várias vezes publicamente, para tornar pública a aliança com o empresariado e com as elites brasileiras. Sua principal obra foi a

disseminação do vírus de uma política baseada no ódio às minorias, no combate aos direitos trabalhistas, na desmoralização das políticas públicas na mentalidade mediana do povo brasileiro. Tudo isso, como na experiência nazista, encoberto por um falso moralismo de quem legitima os atos mais execrados pela moral cristã, como estupro, feminicídio, milícias de extermínio, às quais ele declarou apoio em entrevistas. (Op. Cit.)

À diferença do nazismo alemão e do fascismo italiano, é que esse projeto atual é untado por um falso patriotismo que se desintegra ao ser contraposto à fúria bolsonarista pela privatização e entrega para as grandes corporações internacionais das riquezas nacionais: petróleo, energia, biotecnologia, meio ambiente, territórios indígenas, minério, Amazônia. Sem as benesses do nacionalismo europeu, o projeto privatizador de todas as estatais brasileiras, mesmo em áreas estratégicas para a soberania nacional, tende, ao contrário, a criar um Estado fraco, ausente e entregue aos ditames dos impérios estrangeiros.

Quando a esquerda é aniquilada pela calúnia ou repressão a toda forma de ativismo, essa fórmula resulta em líderes truculentos, como Rodrigo Duterte, nas Filipinas; Salviani, na Itália; Fujimori, que ainda ameaça o Peru, ou Donald Trump, nos Estados Unidos, entre um conjunto de ditadores insurgentes cuja face mais vulgar promete ser Bolsonaro. Um líder “intransponível para a realidade europeia”, para se referir às recentes declarações da principal líder da extrema direita francesa, Marie Le Pen, segundo quem “Bolsonaro diz coisas impalatáveis para o padrão europeu”, trocando em miúdos. Com sua violência grotesca e indisfarçada, que os seguidores chamam de “autenticidade”, ele expõe ao mundo a essência mais cruel e verdadeira da nova sereia nazifacista que ameaça a sobrevivência do Brasil multicolorido e da própria democracia ocidental. (Extraclasse, Op. Cit.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENDDT, Hannah; **As Origens do totalitarismo**; 1. Antissemitismo 2. Imperialismo 3. Totalitarismo; Ed. Schwarcz S. A.; São Paulo; 2015.

DANTAS; **História de Sergipe República (1889-2000)**; Ed. Tempo Brasileiro; Rio de Janeiro; 2004.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo; **História Política de Sergipe**; V volume; Secretaria de Estado de Educação e Cultura; Aracaju-SE; 1990

PEREIRA, Cerivaldo; **O Tenentismo em Sergipe à Partir das Visões de Ibarê Dantas e Andreza Maynard**; monografia de conclusão de curso de pós-graduação em História Novas Abordagens; Faculdade São Luís de França; Aracaju 2012.

REIS; Daniel Aarão; **Luís Carlos Prestes: Um Revolucionário Entre Dois Mundos**; Companhia das Letras, São Paulo; 2014.

SANTANA, Antônio Samarone de. **As Febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios**; Ed. O Autor; Aracaju-SE; 2001.

SOTERO, Anita Rocha Paixão; **Lydio Paixão – da Revolta Tenentista de 1924 ao suicídio de Vargas**; 2ª ed.; Ed. J. Andrade; Aracaju-SE; 2018.

Sites:

ILHA; Flávio Extra-Classe; Pub. 10 de junho de 2020.

WANDELLI, Raquel; Jornalistas Livres; Pub. 15 de outubro de 2018.